REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

23.º Anno — XXIII Volume — N.º 770

20 DE MAIO DE 1900

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

CHRONICA OCCIDENTAL

Logo depois do prologo do *D. Quixote* apparecem varios versos elogiosos ao grande heroe, a Sancho Pança, á Dulcinéa e ao Rocinante. A encantadora Urganda, *a desconhecida*, grande amiga de Amadis de Gaula, dedica ao livro do D. Quixote de la Mancha uns versos de que transcrevemos as primeiras estrophes.

Si de llegarte á los bue-
Libro, fueres con letu-
No te dirá el boquirru-
Que no pones bién los de-

Mas si el pan no se te cue-
Por ir á manos de idio-
Verás de manos á bo-
Aun no dar una en el cla-
Si bien se comen las ma-
Por mostrar que son curio-

Diz Pellicer que foi Cervantes o inventor d'estes versos cortados nos finaes, no que foi imitado pelo auctor da *Picara Justina*.

Yo soi Due
Que todas las aguas be-
Soi la Réin de Picardi
Mas que la rud conoci
Mas famo que Doña Oli-
Que Don Quijo y Lazari-
Que Alfarach y Celesti-
Si no me conoces, cue,
Yo soi Due
Que todas las aguas be.

O Fr. André Peres não se contentava com cortar as palavras nos finaes dos versos, era pelo meio, se lhe fazia conta.

Tambem Lope de Vega no entremez do *Poeta* poz um soneto que começa:

Hermosa cara, no os vendais barat,
Ni vuestra linda estrella lo permit,
Ni recebais de balde la visit,
Ni os troqueis, niña, de oro en plat.

Se até Gongora fez d'estes versos semsaborões, *sin belleza ni merito particular*, como diz Clemencin!

Mas que ratões! Roubavam-lhes uma syllaba e ficava-lhes a rima assim mais facil.

E os versos andavam menos coxos e mais ligeiros.

Vem isto a proposito de tributos, decimas e sellos, de que muito se fala e pouco temos escripto. É assumpto que nos é soberanamente antipathico.

É que não é bom falar em coisas que dão desgostos.

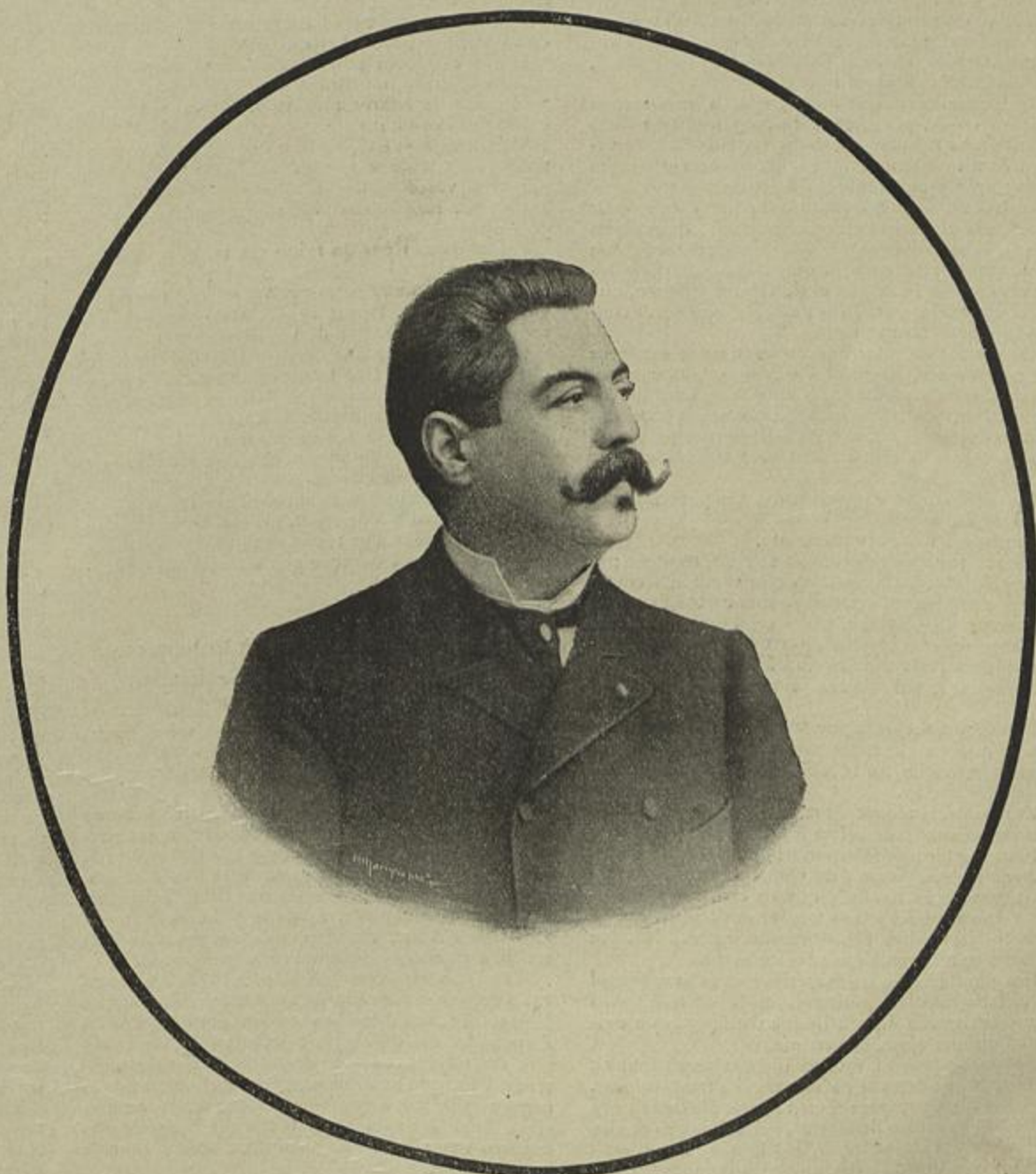
Mas emfim a verdade é que devemos suppôr que só pagamos para nosso bem, para a felicidade de todos, para que menos soffra a grande familia portugueza. É uma consolação!

Tinha um homem o seu soneto muito bem feito, que é como quem diz sua vida muito bem arranjada, tudo equilibradinho, graças a Deus, com as contas pagas em dia, sem o menor bater do coração ás campainhadas á porta.

Amavelmente pedem-lhe um sacrificio, um rabinho de cada verso. Não custa isso nada; até fica melhor! E o poeta, isto é, o cidadão tributado, que adorava a chave d'oiro com que no fim do mez guardava uma economiasinha, fica absorto, pasmado, ao ver que tudo rima, que rima como d'antes, até melhor!

Um dia Fr. Peres pede-lhe umas syllabasinhas do meio. Isso custa mais, mas podem dar-se. Tudo se arranja. Uma cunhasinha e não ha novidade. E dão-se as syllabas a Fr. Peres, e o soneto fica soneto.

Um dia bate-nos Gongora á porta. Esse é homem de genio. Já não é Gongora, é o salvador. Come-nos metade das syllabas. O soneto passa a sonetilho, mas rima sempre e, como rima, está certo.

Porque a verdade é que os orçamentos do estado provam-nos sempre que a rima lá está, que

CONDE DO ALTO MEARIM — FALLECIDO EM PARIS NO DIA 11 DO CORRENTE

o equilibrio é perfeito e que o soneto aliviado ficou mais bonito e formosinho.

Mas, sem deixarmos os muitos versos que se imprimiram entre o prologo e a primeira parte do *D. Quixote*, talvez alguma moralidade se tire do soneto que vamos transcrever:

DIALOGO ENTRE BABIECA Y ROCINANTE

SONETO

B. — Como estais, Rocinante, tan delgado?
R. — Porque nunca se come y se trabaja.
B. — Pués qué es de la cebada y de la paja?
R. — No me deja mi amo ni un bocado.

B. — Andá, señor, que estais mui mal criado,
Pués vuestra lengua de asno al amo ultraja.
R. — Asno se és de la cuna á la mortaja.
Queréis lo ver? miraldo enamorado.

B. — Es necedad amar?
R. — No es gran prudencia.
B. — Metafisico estais.
R. — Es que no como.
B. — Quejaos del escudero.
R. — No es bastante.

Como me he de quejar en mi dolencia,
Si el amo y escudero ó mayordomo
Son tan rocines como Rocinante?

Metafisico estais, diz-lhe Babieca. Responde-lhe Rocinante: — E' porque não como.

Ora queira Deus que não demos todos em metaphisicos.

Mas não só tributos e sellos deram agora que falar, e tanto que foram motivo para os melhores quadros de todas as revistas d'anno. A politica tem preoccupado aquelles que menos atrahe geralmente e até os mais indifferentes procuravam, ha dias, anciosamente noticias.

Infelizmente um motivo triste, a prolongada doença do sr. presidente do conselho, tem dado motivo aos boatos que estes ultimos dias correram com insistencia. Muito contradictorios foram elles; que eram addiadas as camaras, que o sr. José Luciano iria á camara dos pares para assistir á discussão do bill de indemnidade, que algum dos actuaes ministros tomaria interinamente conta da pasta do reino, que o ministerio pediria a demissão sendo chamado o sr. Hintze Ribeiro, que seria chamado o sr. Dias Ferreira, que seria chamado o sr. Antonio Ennes.

Os pontos de interrogação continuam e não se faz outra coisa, ha muito, senão consultar barometros. Mas a agulha anda sempre inferior ao *variavel*. Nem os politicos sabem o que succederá dentro em dois dias, nem os astronomos se, d'aqui a oito, poderão sem nuvens arreliadoras assistir ao eclipse do sol.

Na politica não é maio agora; não parece dever sel-o no kalendario.

Chuva e frio constantemente.

Parece inverno pelo tempo que faz, muito o parece pelo enthusiasmo com que o publico continua por emquanto concorrendo a certos theatros, sobretudo ao Colyseu, onde se teem cantado as melhores operas lyricas e ao theatro do Gymnasio, onde a festa a Schwalback, o feliz auctor da *Bisbilhoteira*, foi deveras e merecidamente brilhante.

Nos outros theatros poucas novidades. De Coimbra é que nos chegam novas da extraordinaria ovação com que foi recebida a peça dos quintanistas de direito.

Uma noticia alegre de mistura com uma triste: rachou a decantada cabra e foi substituida.

Nem sequer poude esperar pelas ferias de ponto. Morreu no seu posto, e de velhice, coitada. Nunca mais tocará ás horas a que os caloiros apressados voltavam para casa a tremer das troças. Foi-se a legendaria cabra. O sentimento é geral. Não lhe faltarão necrologios em verso e prosa.

Era uma alegria, quando ella não falava. Signal de feriado no dia seguinte. E foi de dar más novas que ella morreu e foi a lingua d'ella quem a matou. Pois sua alma, sua palma.

Assim pudessem muitas linguas assassinar os donos, ou que estes se envenenassem trincando-as.

A má lingua impera muito agora. Má lingua nos cafés em questões litterarias, má lingua aos serões em questões de visinhos, má lingua nas repartições e escriptorios em questões de accesso, má lingua nos corredores das camaras em questões politicas.

Má lingua sempre!

Pois valha-nos ainda uma versalhada:

Advierte que es desati-
Siendo de vidrio el teja-
Tomar piedras en la ma-
Para tirar al veci-

João da Camara.

AS NOSSAS GRAVURAS

CONDE DO ALTO MEARIM

Foi com dolorosa surpreza que em Lisboa se recebeu a noticia da morte repentina do opulento capitalista, entre nós tão bemquisto, conde do Alto Mearim.

Trouxe-nos o telegrapho a má nova, que a todos surprehendeu. Victimado por uma congestão cerebral, o conde morrêra repentinamente ás duas horas da madrugada do dia 11, em Paris, n'um quarto do hotel Baden.

Filho d'um honrado negociante, com quatorze annos de edade, partira de Mattosinhos, villa da sua naturalidade, a tentar fortuna em terras do Brazil. A sorte bafejou o. De simples caixeiro passou breve a gerente da importante casa commercial de Alves Machado.

Dotado de bellas faculdades, intelligente e activo, José João Martins do Pinho tornou-se depois, ajudado pelas muitas sympathias que inspirava, um dos mais conceituados banqueiros brazileiros.

Fundador de alguns bancos importantissimos, deixa avultadissimos bens de fortuna.

Muito caridoso, philantropo digno da melhor memoria, criou no Brazil um excellente asylo para creanças pobres e muito lhe devem o Lyceu Litterario Portuguez.

Voltando á patria, onde o distinguiram com o titulo de Conde e a grã-cruz da Conceição, foi por tres vezes eleito deputado pelo circulo de Santarem, nas legislaturas de 92 a 93, 94 a 95 e 96 a 97.

Foi nomeado par do reino em 17 de março de 1898.

Ambas as camaras, por proposta dos respectivos presidentes, lançaram nas actas um voto de sentimento pela morte de tão illustre membro.

O cadaver do Conde do Alto Mearim, logo que chegue ao Porto, será transportado para a egreja de Mattosinhos, onde se lhe farão os devidos suffragios e será organisado o cortejo que ha de acompanhal o ao jazigo de familia.

As provas de sentimento que foram dadas por motivo de tão inesperada desgraça á enlutada familia do prestimoso financeiro, ser-lhe hão por certo, lenitivo á dôr cruel, provando-lhe quanto eram apreciadas por todos as altissimas qualidades de espirito e coração que adornavam o illustre extincto.

VISTA PANORAMICA DA EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS — A ESTATUA DE PORTUGAL

Acha-se aberta a Exposição Universal de Paris, desde sabbado de Alleluia, que foi a 14 do mez findo, e ainda hoje estão longe de terminados muitos trabalhos.

A' cerimonia da abertura, significativa festa de imponente solemnidade, seguiram-se as notas tristes dos desastres havidos e que tão fataes foram, como o da derrocada da ponte do Globo Celeste, o da queda de quatro operarios d'um bailéo, da Galeria das Machinas, e agora o do incendio no Castello d'Agua, em que arderam mais de dois mil fios electricos destinados á illuminação.

Tão desagradaveis auspicios não devem comtudo empanar o brilho da grande feira do mundo. Entretanto, as deslumbrantes festas nocturnas da Exposição, tão desejadas e promettidas, foram assim retardadas, com desgosto de nacionaes e estrangeiros, que se apressam em percorrer e admirar quantas installações se encontram na vastissima Exposição de 1900. D'ella offerecemos aos leitores um panorama que indica bem a enorme extensão occupada.

As margens da Exposição teem e terão notaveis attractivos. Em primeiro logar ha em todas as avenidas que percorre o passeio movediço, uma das mais interessantes novidades, o qual dá a volta a parte do perimetro dos Invalidos e Campo de Marte. Perto do Trocadero, um dos sitios mais deliciosos, é o *boulevard* Delessert. A' direita encontra-se uma rua muito ingreme, denominada Le Nôtre, mas de cujo alto se domina uma parte da exposição das Indias inglezas. Uma grande torre rendilhada eleva-se por cima de um formigar de pequenas choupanas, de tecto horisontal.

A Exposição confina por este lado com predios particulares para se extender depois com os seus tapumes pintados de verde que circumscrevem e vedam o recinto. Tornejando pela rua Beethoven e ponte de Passy, entra-se na parte incompleta e que talvez até se não termine; são as pequenas construcções e pavilhões que ficam em meio...

Chega se depois á avenida Suffren, que confina com o bairro operario de Grenelle. Volta-se á praça da Concordia pelo Quay d'Orsay. E' ali que está a entrada principal da exposição, a porta monumental que já aqui reproduzimos em estampa e então descrevemos com minudencia.

Passando aos Campos Elyseos, o espectaculo que se offerece é deveras admiravel, e mais bello será quando a magnifica avenida Nicolau II se prolongue no alinhamento da nova ponte Alexandre III e esteja prompta.

Muitos dos pavilhões estrangeiros teem successivamente aberto as suas portas.

Inauguraram ultimamente os da Hollanda, Belgica, Italia, Suecia e Hespanha. O presidente Loubet tem-os visitado, e ainda outros altos personagens teem sido vistos na Exposição, percorrendo-a sem apparato official.

Annunciam se as visitas de varios soberanos á Exposição, e n'esse sentido se teem feito ao governo francez as devidas communicações diplomaticas. Comtudo, a maior parte d'essas visitas, serão feitas sob incognito.

Entre os principes estrangeiros que teem ido á Exposição citam-se o grão-duque de Mecklemgo-Schwerin, o principe e a princeza Yourewski e o rajah Karasyng.

No salão das festas, que é na antiga Galeria das Machinas, encontra-se a estatua representando Portugal, trabalho do esculptor sr Feitu, mandado executar pela commissão franceza da Exposição e que reproduzimos em estampa n'este numero. Portugal é representado na figura de um marinheiro do tempo dos antigos descobrimentos, figura energica, olhando firme para longe, como quem procura a linha do horisonte. Tem a mão direita appoiada na canna do leme de uma caravella e a esquerda segurando-se ao mastro. Esta estatua assentará sobre um pedestal de cinco metros de altura, no salão das festas, ficando entre as que representam a Hungria e a Russia.

Depois de encerrada a Exposição, esta interessante obra d'arte será offerecida ao nosso Museu de Bellas Artes, o que constitue uma captivante e patriotica lembrança do grande certamen.

S. A. O PRINCIPE FREDERICO GUILHERME, HERDEIRO DO THRONO DA ALLEMANHA

No dia 6 do corrente celebrou-se em Berlin, com grande magnificencia, a maioridade do principe Frederico Guilherme, herdeiro do throno da Allemanha.

A ceremonia do juramento realisou-se na capella do palacio de Berlim com assistencia de toda a familia imperial, o imperador Francisco José, d'Austria, alguns principes estrangeiros e entre estes o sr. infante D. Affonso que foi expressamente a Berlim para esse effeito.

Junto ao altar estava um porta-bandeira empunhando a bandeira do 1.º batalhão. Aos lados tomava logar o corpo diplomatico á frente do qual se via o principe Hohenlohe, chanceller do imperio, os representantes enviados pelos monarchas estrangeiros, os membros do conselho federal, os officiaes estrangeiros e deputações dos regimentos allemães, os Cavalleiros da Aguia Negra, os generaes e almirantes, ministros, etc.

Quando a familia imperial entrou na capella, precedida pelos grandes da côrte, foi entoado um hymno. O imperador d'Austria dava o braço á imperatriz Augusta, da Allemanha e o imperador Guilherme conduzia pelo braço a gran duqueza de Baden; depois seguia-se o Kronprinz e seus irmãos.

Entoaram-se as orações religiosas e findas estas o pregador Drejander discursou, tomando por thema as palavras da Biblia: *Sê firme, sê homem, honra sempre o Senhor teu Deus.*

Terminada a predica, o Kronprinz approximou-se da bandeira e levantando a mão direita e assentando a esquerda sobre ella, prestou ju-

ramento, repetindo as palavras que o general Flessen leu no formulario d'aquella ceremonia. O imperador, então, estendeu a mão ao principe e beijou-o em ambas as faces. O Kronprinz, por sua vez, beijou a mão ao imperador, e no côro entoou-se o Canto de Guilherme Nassau ao tempo que, fóra, salvava a artilheria.

Finda a ceremonia na capella, passaram todos á sala Branca onde os monarchas receberam as felicitações da côrte.

Depois foi o jantar de gala, em que o imperador Guilherme pronunciou um discurso congratulando-se pelo festivo acontecimento e agradecendo a comparencia dos principes estrangeiros áquelle acto.

O sr. infante D. Affonso foi agraciado pelo imperador com a Aguia Negra.

O principe Frederico Guilherme é o primeiro filho do imperador Guilherme e da imperatriz Augusta Victoria, nasceu em 1882 e completou agora 18 annos.

CONCERTO DE RELOGIO

Como logo se vê que a sr.ª gata-mãe pouco lhe importam as horas! Com que pachorra ella assiste áquelle disturbio todo! Trepa um dos gatitos pela cortina; espreita um dos outros á beira da mesa; um d'elles faz do relogio Luiz XV pedestal da sua ligeireza, e os outros tratam de concertar o machinismo, que, segundo opinião d'elles, dá horas muito devagar.

E a sr.ª gata-mãe no seu ripanso!

Uma hora... Duas... O gato mais traquinas parte o vidro e faz do arco um collar. E o outro vai dando aos ponteiros... Trez... Quatro... Isto é que é passar o tempo depressa!... Que lindo som de campainha..! Cinco .. Seis... Vamos dançar... Sete .. Oito... Nove... Comece o baile... Dez... Onze... Que alegria!... Doze... Meio Dia? Meia noite? Quem sabe? O tempo vôa!

E a gatarrona sem se mecher!

Ora Deus queira que o toque da campainha não seja dobre de finados e não vão d'ali a minutos os gatinhos todos dentro d'um sacco...

Treze... Quatorze... Quinze... Um estalo!

Era uma vez uma móla...

E eram uma vez cinco gatos...

LOGOGRAPHIA INDUSTRIAL

Em cada epoca apparece uma certa ordem de estudos que captiva os espiritos e d'ella saem os elementos de uma sciencia nova.

O *industrialismo*, systema que considera a industria como o fim principal do homem, conta hoje, graças á instrucção positivista, um crescido numero de adeptos, que por aturadas investigações buscam demonstrar a sua doutrina, auctorisando-a com factos historicos.

D'aqui se originou a *logographia industrial*, ou reproducção escripta do progresso das industrias, formando um conjuncto dos conhecimentos relativos ao desenvolvimento material da civilisação.

Denomina-se *logographia industrial* esta série de estudos, porque elles não lograram ainda o rigor da sciencia historica, e porque os escriptores, que se teem apaixonado pelo assumpto, desempenham, em relação á historia das industrias, um papel similhante áquelle que os primeiros prosadores da Grecia designados por *logographos* representaram para com a sciencia da historia.

A *logographia industrial* é pois assim o antecedente natural da historia das industrias, como esta por sua vez precederá a philosophia industrial, porque todas as sciencias teem a sua philosophia quando attingem o gráo do maximo desenvolvimento a que podiam chegar.[1]

É facil comprehender como a logographia dá a historia, observando como da astrologia sahiu a astronomia, da alchimia a chimica, da chrematistica a economia e da economia politica a sciencia economica.

Assim mesmo, no estado rudimentar em que se apresenta, a logographia industrial deve considerar-se um ramo afim da mais alta das sciencias — a sociologia, pois que mantem para com ella relações muito estreitas.

A industria é a verdadeira base da sociedade, base moral e material. Antes que se lisongeie o espirito com os progressos metaphysicos é preciso acudir ás necessidades mais imperiosas. E talvez um dos mais importantes resultados da industria a economia de tempo que o genio industrial offerece ao homem, que soube poupar por uma nova machina esforços penosos, resultando largos ocios que pode empregar em trabalhos intellectuaes.

A *logographia industrial* constitue, portanto, sem duvida alguma, um dos capitulos mais interessantes da sociologia, aquelle em que se consignam todos os esforços da humanidade para se libertar da baixa condição em que se encontrou nos primeiros tempos. E, assim encarada, a logographia industrial representa indiscutivelmente a historia do trabalho.

Mas essa historia está quasi por escrever, e mingoada é ainda hoje a bibliographia historico-industrial. A archeologia no mundo dos seus estudos não chegou por ora á região das grandes investigações do progresso das industrias e dos seus productos. É necessario, pois, começar pela recolha dos termos technicos antigos e estudos dos archivos, que felizmente para nós são elles copiosos e compensam bem a curiosidade e o trabalho dos escabichadores.

*
* *

A natureza humana tem, como toda a mais animalidade, a condição fatal de não poder subsistir sem esforço e sem trabalho, porem ainda com a aggravante de que o homem, no seu estado natural, se viu reduzido a uma existencia mais difficil e precaria, que a de todos os outros animaes da grande escala da creação; e, para adquirir da natureza os elementos necessarios á sua conservação e desenvolvimento, tem que empregar esforços constantes n'um incessante aperfeiçoamento de si mesmo.

Se compararmos, pois, o homem primitivo aos outros animaes, acharemos que estes são um tanto mais completos, porque a natureza lhes concedeu orgãos e instrumentos apropriados ao genero de vida a que os destinou, embora estacionario.

Nasce o homem em peores circumstancias do que a propria arvore, sem ter sequer como esta a casca que a protege, ou como o animal a epiderme coberta de pellos, para que se subtraia ao rigor das intemperies. Todavia só o homem conseguiu aperfeiçoar-se.

Considera-se a ave como um navio aereo, e o peixe lembra um submarino; a aranha é tecedeira eximia, a toupeira mineira persistente; esta possue umas enxadas e uma broca, aquella umas pinças, ou uma pá como o castor, um esquadro e um compasso como a abelha. O elephante serve-se da tromba para quanto quer e todos os outros animaes possuem orgãos e membros que utilisam como ferramenta, como instrumento para as suas necessidades.

O homem não tem em si orgãos nem contextura que corresponda a utensilios para trabalho; é incompleto, só pode empregar os dentes e as unhas; vendo-se obrigado a adquirir os orgãos que lhe faltam, começa por proteger o corpo e armar as mãos desprovidas. Porem, a sabia natureza deu-lhe, além da tendencia ao progressivo desenvolvimento de que o dotou, o cerebro, esse tão complicado quão maravilhoso orgão, que faz do homem o rei dos animaes. Manifesta-se a sua intelligencia e então suppre o homem as forças que lhe faltam, aproveitando, buscando e descobrindo as que a natureza lhe concede e põe á sua disposição. Corre-lhe mesmo a obrigação de adquirir tudo quanto carece, provando o seu engenho e o seu esforço, porque só trabalhando adquire o justo titulo da sua grandeza.[1] Já um illustre escriptor notou algures[2] quão interessante seria uma historia em que se descrevessem os primeiros esforços tentados pelo homem, no intuito de se subtrahir á tyrannia das necessidades e ao despotismo cego e cruel das forças naturaes que o opprimiam. Quantas observações mais ou menos atiladas e sagazes, buscas ardentes, arduas tentativas de verdadeiros heroes do labutar humano, ficaram votadas a absoluto esquecimento.

Quem forjou o primeiro martello? — Nunca o saberemos. Esses benemeritos, essa enorme phalange anonyma, merecem bem a nossa homenagem.

Que prodigiosa maravilha, assombrosa e deslumbrante, se nos mostra a bella epopeia da creação humana!

Desde a moradia nos reconcavos das rochas, e nos covis disputados aos animaes ferozes, até ás habitações lacustres, ás *palafittes* da Suissa, e d'ahi até ás mais formosas e elegantes composições da architectura jonica e dorica; desde a cobertura feita de folhas vegetaes até aos preciosissimos tecidos de Damasco, desde o fogo produzido pela fricção de dois pedaços de silex até ás complicadas machinas movidas pela força expansiva do vapor, que poema immenso de trabalho, de lucta ingente pela vida! E lucta sem tregoas! Desde a edade da pedra até ás do cobre e do bronze, e desde ellas até á actual, a do ferro, e d'esta até á futura, a do aluminio, como é grande o rastro e resplandecente a obra do homem!

Desde a anta prehistorica, desde as catacumbas de Roma, até á grande capella Sixtina, desde a esculptura egypcia até á de Miguel Angelo e Benevenuto Cellini, que enorme escala na perfeição! Desde o machado paleolithico, essa primeira arma do homem, até ao pasmoso canhão de dynamite, que de trabalho synthetisado. Desde as escriptas pythographicas, hieroglíphica e cuneiforme até Guttenberg, que evolução estupenda presenciou a humanidade!

A cada victoria da industria, a cada creação da sciencia, da mechanica applicada, entoa a humanidade um cantico para compor o antiphonario da sua redempção.

O moinho de vento ou a agua, substituindo o trabalho penoso do homem, a machina dispensando o braço, são lanços da grande escada do templo da industria.

Como é alegre aquelle hymno com que Antipater de Thessalonica celebrou a invenção do moinho d'agua, que poupava ás mulheres e escravas o violento trabalho da moenda:

«Ó vós, que até hoje vos empregastes em moer os nossos cereaes, mulheres, descançae agora e dormi. Não será para vós que as aves matutinas annunciarão com seus gorgeios o despontar da aurora. Ceres ordenou ás Nayades que vos substituissem, e ellas obedecem, fazendo girar rapidamente a roda que dá movimento ás pesadas mós.»

No nosso seculo, as invenções multiplicam-se e desde o desenvolvimento da electricidade até á sua applicação no telegrapho ha uma serie immensa de fadigas compensadas pelo bem que a humanidade desfructa.

Analysar, pois, desde o nascer da actividade humana, desde esse começo de producção, até hoje, a historia dos productos, dos instrumentos, as mil invenções, as multiplices operações que se dividem divergentes ou parallelas até ao infinito, é descrever a evolução da industria.

Esteves Pereira.

KATIA

POR

TH. DOSTOÏEVSKY

IV

— Velho, ouviste? Tambem eu, não ha muito que sei ver dentro de mim mesma. Não tinha lembranças e de repente, quando a hora soou, de tudo me lembrei. Quanto passei tudo revivi em minh'alma insaciavel.

— Amarga coisa contentar-se a gente com o passado, disse o velho melancolicamente. O passado é como o vinho já bebido. Que existe bom no passado? É um caftan fóra d'uso: é deital-o fóra!...

— E é preciso um outro novo, apprehendeu no ar Catharina rindo com esforço, a tempo que duas grossas lagrimas se lhe suspendiam nos cilios como diamantes. Ninguem pode viver só, um instante que seja. É cheio de vida o coração d'uma rapariga e o teu não poderá sempre bater com o d'ella em unisono. Percebeste, velho? Olha, olha, uma das minhas lagrimas cahiu no teu copo.

— Pagaram-te tuas penas com muita ventura? perguntou Ordinov com voz tremula de commoção.

— E' natural, barine, que tenhas muita ventura para vender, replicou o velho. Porque te mettes a falar, se ninguem fala comtigo?

E poz-se a rir com riso amargo e silencioso, olhando insolentemente para Ordinov.

— *Custou-me o meu dinheiro*, disse Catharina com voz aspera e descontente. O que para alguns é muito para outros será pouco. Um quer dar tudo e nada tomar, outro tomar e não dá. E tu, nada de queixas! ajuntou olhando quasi com dureza para Ordinov. Um homem é assim, outro d'outro modo. Pois conheces algum a quem suave corra

---

[1] Já hoje possuimos «*O direito industrial portuguez systematisado*». A respectiva legislação faz jurisprudencia, mostrando o desenvolvimento do direito industrial. Ao sr. dr. Carneiro de Moura se deve, desde 1899, o bello trabalho que tem aquelle titulo.

[1] «Só tem direito ao nome de homem o que trabalha.» — (*Michelet.*)

[2] *Conferencia* em Coimbra, 1884, pelo conselheiro Antonio Candido.

A ESTATUA DE PORTUGAL NA EXPOSIÇÃO DE PARIS

a vida?... Velho, enche o teu copo, enche-o! Bebe pela felicidade da tua filha bem amada, da tua doce escrava desde o primeiro dia submettida a ti! Enche o teu copo e bebe!

— Seja! Mas bebe tambem, disse o velho pegando no vinho.

— Espera, velho, espera! Deixa primeiro dizer-te umas palavras.

Catharina pôz os cotovelos sobre a mesa. Seu olhar apaixonado mergulhava nos olhares do velho. Lia-se em seu rosto uma singular resolução. Eram seus gestos bruscos, inesperados. Parecia inflammada, o que quer que fosse extranho passava dentro d'ella. Mas a formosura crescêra com a animação. Os labios entreabertos n'um sorriso deixavam scintillar a alvura dos dentes. Era entrecortada a respiração. Palpitavam-lhe as azas do nariz. A trança, trez vezes enrolada sobre a nuca, cahia-lhe descuidadamente sobre a orelha esquerda. Appareciam-lhe nas fontes gotas de suor como perolas.

— Dize-me o futuro, velho, dize-me o meu futuro, antes que afogues no vinho o teu espirito. Aqui tens a minha mão branca... Por alguma coisa te hão de chamar bruxo. Estudaste nos livros e conheces todas as sciencias diabolicas. Olha, velho, olha e dize-me quanta desgraça me anda ameaçando! Mas não mintas. Dize o que souberes. Será feliz a tua filha? Has de perdoar-lhe ou chamar a desgraça ao seu caminho? Dize-me, encontrarei um ninho conchegado ou, toda a minha vida levarei como ave errante, orphã entre as almas boas, em vão procurando logar? Quem me odeia? Quem me ama? Quem me quer mal? Viverá solitario meu coração? Elle tão cheio de mocidade e de calor? Solitario toda a vida e morto ainda antes de morrer? Ou achará elle o seu egual, o que deve com elle bater em unisono, alegremente... até á chegada de novas penas? Sob que céo azul, para além de que mares e florestas vive meu denodado noivo? Amar-me-ha elle a valer? Cançar-se-ha logo de mim? Ser-me-ha fiel? Dize-me tambem, velho, viveremos ainda por muito tempo juntos, n'este nosso canto sombrio, entre os livros negros? Como será preciso, velho, saudar-te profundamente, desejar-te saude e descanço e dizer-te adeus? Agradecer-te o teu pão e o teu sal, o comer e o beber, e as lindas historias que me contavas?... Attende bem, dize-me a verdade toda, não mintas e revela-nos a tua sciencia.

Sua animação fôra crescendo até á ultima palavra e de subito apagou-se-lhe a voz. Scintillavam seus olhos, o labio superior tremia. Havia em suas palavras uma zombaria cruel, mas sua voz era cheia de soluços. Debruçou-se sobre a mesa e encarou fito o velho. Ouvia-se-lhe o coração batendo.

Ordinov tresvariado deu um grito e ia para levantar-se. Mas um rapido olhar, a soslaio, do velho pregou-o em seu logar.

Havia despreso, ironia, desasocego, despeito e ao mesmo tempo maliciosa curiosidade n'esse olhar obliquo que de cada vez fazia estremecer Ordinov e suas maiores coleras reduzia á impotencia.

Scismando, como com certa resignação melancolica, o velho sorriu-se, quando Catharina se calou. Não deixára de olhar para ella emquanto a viu falando. Ferido era agora seu coração, porque as palavras fataes já eram ditas.

— Muito queres saber d'uma só vez, avesinha que sentiste as azas e morres por experimental-as. Enche pois, enche-me depressa um copo até á borda, para que primeiro eu beba á liberdade. Senão talvez eu não possa desviar dos meus votos o mau olhado. O diabo é forte, o peccado não é longe.

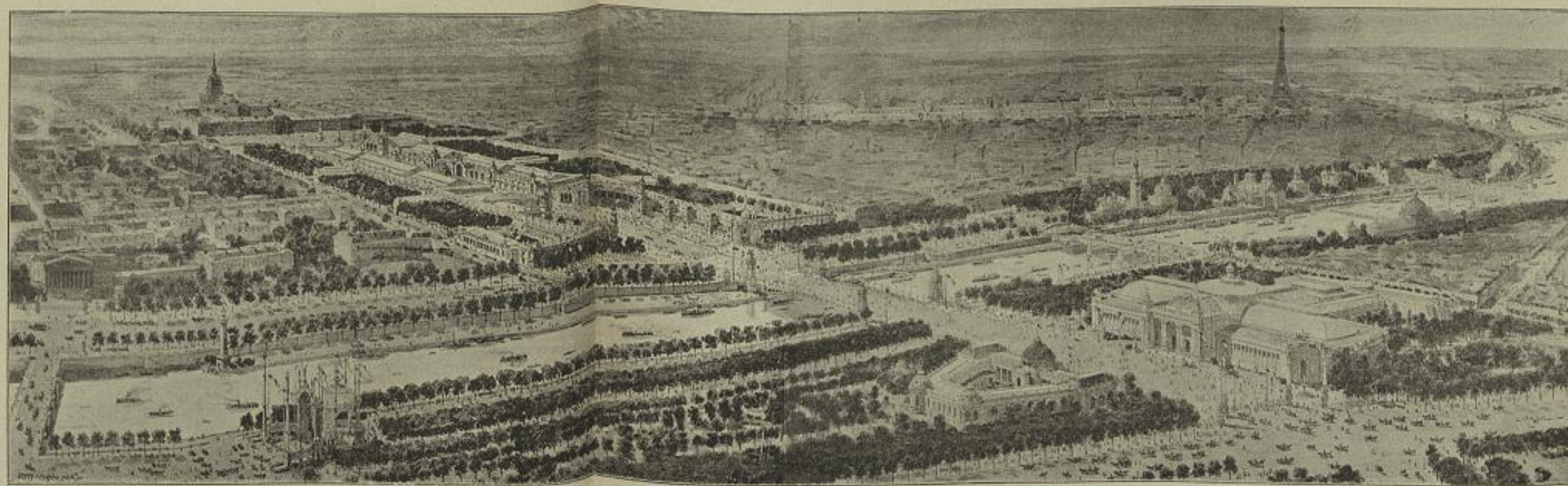
Ergueu o copo e esvasiou-o. Quanto mais bebia mais pallido ficava. Luziam seus olhos como brazas vermelhas: seu brilho febril, a medonha pallidez do rosto presagiavam novo accesso.

O vinho era forte: um só copo turvára a vista de Ordinov, inflammava-se-lhe o sangue, seu espirito vacillava. Encheu mais um copo, sem saber o que fazia, pensando talvez vagamente em acalmar assim a agitação; mas o sangue precipitou-se-lhe nas veias com maior violencia ainda. Teve uma vertigem, e desde então, ainda concentrando sua attenção, mal poude seguir o que em volta d'elle passava.

O velho depoz o copo, batendo com elle violentamente sobre a mesa.

— Enche, Catharina, enche, mulher perversa, enche até que eu morra! Entorna ao velho um somno longo e livra-te d'elle. Mas bebamos juntos. Porque não bebes? Julgas que não reparei?

Ordinov não ouviu a resposta de Catharina. Tanto mais que Mourine lh'a não deixou acabar. Como se já não pudesse conter-se, pegou-lhe na mão. Seu rosto descorára, os olhos apagavam-se-lhe e quasi no mesmo instante se lhe reaccendiam. Tremiam seus labios brancos e com voz desegual começou:

— Dá-me a tua mão pequenina, minha belleza, dá-m'a; vou te ler a sina. Sou com effeito um bruxo, não te enganaste, Catharina, teu coração d'oiro não te mentiu, pois que sou seu feiticeiro *d'elle* e vou-lhe dizer a verdade a elle tão simples e tão ingenuo. Só d'uma coisa te esqueceste: eu posso dizer a verdade mas não posso dar intelligencia e juizo. A intelligencia não é quinhão d'uma rapariga, que ouve a verdade, mas não a comprehende. Tem na cabeça uma serpente manhosa, embora em lagrimas tenha banhado o coração. Saberá sósinha achar seu caminho. Ir-se-ha arrastando por entre desgraças, mas a astuciosa chegará a seus fins, ora por manha, ora pela omnipotencia de sua formosura. Porque com um só olhar sabe embriagar um espirito. A belleza quebra as forças e abre em dois bocados um coração de ferro. Se has de soffrer penas e desgostos?... Não ha desgostos para corações fracos. A desgraça requer um coração valente! Gosta de banhar-se silenciosamente em lagrimas de sangue. Não ouvem os homens sua queixa! Tu, filha, é tua desgraça um sulco na areia: lava-o a chuva, secca-o o sol, leva-o o vento d'um temporal... Se has de ser amada?... Não serás escrava d'aquelle que te amar. Tu é que lhe has de roubar a liberdade para nunca mais lh'a entregares. Mas quando, por tua vez, quizeres gostar d'elle, não poderás. Um grão que semeaste, e um roubador ha de vir e colherá a espiga toda. O terna criança, minha cabecinha d'oiro, deixaste cahir uma

lagrima no meu copo, e logo outras cem derramaste, emquanto ias falando. Ah! hão de correr em abundancia lagrimas tuas, quando, na comprida noite, noite de desesperos, cahir sobre ti a desgraça e te encher de maus pensamentos. Então has de recordar-te d'esta lagrima d'hoje: mas já não será então senão uma lagrima extranha, lagrima envenenada, pesada como chumbo derretido. Requeimará até ao sangue o teu peito alvo, e toda a noite, toda a noite, até á ennevoada manhã dos dias maus has de agitar-te no teu pequenino leito e durante dois dias inteiros não ha de fechar-se a tua chaga... Vamos, enche-me o copo outra vez, Catharina, minha pomba. Enche-m'o para me pagares do meu ajuizado conselho e não gastemos mais palavras inuteis.

Tremia-lhe a voz. Dir-se-hia que um soluço lhe queria sahir do peito. Deitou mais vinho, bebeu com avidez um outro copo e bateu com elle violentamente sobre a mesa. O olhar d'elle deitava chammas

— E vive como a vida o queira! exclamou. O que passou atira-o para traz das tuas costas... e deita-me vinho! Prostra com os effeitos do vinho a cabeça violenta e pereça a minh'alma! Deita o velho para a longa noite que não tem acordar nem lembranças. Tudo é bebido! Tudo é vivido! A mercadoria dormiu por muito tempo em casa do mercador: por nada a entrega... E entretanto, não a largaria em seus tempos por menos preço do que valesse! Haveria sangue inimigo vertido e sangue innocente, e o comprador ainda por cima dera sua alma para fazer a compra!... Enche-me o copo, Catharina.

Mas a mão d'elle immobilisou-se. Respirou com esforço, e sem querer, deixou pender a cabeça. Ainda uma vez dirigiu o olhar baço para Ordinov, mas o proprio olhar se lhe apagou e as palpebras cerraram-se bruscamente. Uma pallidez mortal espalhou-se-lhe pelo rosto. Os labios moveram-se, como se ainda quizesse falar, e, derepente, uma lagrima suspendeu-se nos cilios e rolou lentamente pela cara abaixo.

Ordinov já não podia supportar uma tal situação. Levantou-se, deu uns passos a cambalear, approximou-se de Catharina e pegou-lhe na mão. Mas nem sequer para elle quiz ella olhar, como se esquecesse que elle estava ali, como se já não o conhecesse.

Tanto mais que parecia ter perdido qualquer sentimento de realidade, visivelmente era presa d'uma idéa fixa. Deixou-se cahir junto do velho adormecido, enlaçou-o em seus braços, e fixamente, como atarrachada a elle, poz-se a contemplal-o. Parecia não perceber que Ordinov lhe pegava na mão. Derepente lançou-lhe um longo olhar penetrante e um sorriso amargo vincou-lhe os labios.

— Vae te, vae-te embora, disse-lhe em voz baixa. És bebado e máo, já não és meu hospede!...

Depois voltou-se outra vez para o velho, observando-lhe o halito, acarinhando-lhe o somno com seu olhar, ella propria sustendo a respiração.

Um desespero misturado com raiva apertou o coração de Ordinov.

— Catharina! Catharina! murmurou apertando a mão da rapariga.

Um soffrimento contrahiu-lhe o rosto, ergueu a cabeça: mas havia em seu rosto tanta zombaria, desprezo e insolencia, que Ordinov mal poude supportar-lhe o olhar. Mostrou-lhe depois o velho adormecido e Ordinov cuidou ver de novo todo o odio desdenhoso de seu inimigo nos olhos d'ella, tanto seu olhar era para ferir e esfriar.

— Ha de matar-te! disse não podendo conter a raiva.

Mas n'esse mesmo instante apoderou-se d'elle uma idéa sinistra e foi como se o proprio diabo lhe murmurasse ao ouvido que era essa exactamente a idéa de Catharina.

— Vou pois comprar-te, ó minha belleza a casa do teu mercador, pois que o comprador *tem que dar a sua alma para fechar o negocio*. E o sangue que for vertido não será o mercador quem o ha de verter!...

Um riso immovel, um riso que punha a morte na alma de Ordinov não desamparava o rosto de Catharina. Fóra de si, quasi inconsciente, encostou-se á parede com uma das mãos e despregou um punhal antigo. Espanto, mas tambem, e pela primeira vez, um desafio, mostraram-se nos olhos

SUA ALTEZA O PRINCIPE FREDERICO GUILHERME
HERDEIRO DO THRONO DA ALLEMANHA

Os Invalidos — A Torre Eiffel

Entrada principal da exposição — Palacio das Industrias — Palacio da Educação — Ponte Alexandre III — Entrada da Avenida dos Campos Elysios — Palacio da Horticultura — Ponte d'Alma

PANORAMA DA EXPOSIÇÃO DE PARIS DE 1900

de Catharina, e pareceu a Ordinov que alguem lhe pegava na mão e o empurrava para que consummasse sua acção louca. Desembainhou o punhal. Catharina observava-o, sem se mexer, sem respirar.

Ordinov olhou para o velho.

E pareceu-lhe que o velho abria um olho, lentamente, e que havia um riso de mofa no fundo d'esse olhar. Os olhares d'ambos encontraram-se. Ordinov quedava-se immovel. De repente, pareceu-lhe que o riso se espalhára por todo o rosto; pareceu-lhe que o riso glacial e assassino estoirava no quarto... Estremeceu, o punhal escorregou-lhe das mãos até ao chão e retiniu cahindo. Catharina deu um grito, como se acordasse d'um pesadelo. Mourine ergueu-se lentamente, e atirou com o pé o punhal para um canto do quarto. Catharina, sem um movimento, quedou-se de pé, d'olhos fechados, com o rosto convulsionado; depois apertou a cabeça entre as mãos e cahiu inerte, bradando com voz despedaçadora:

— Alioscha! Alioscha!...

Mourine ergueu-a nos braços vigorosos e apertou-a contra o peito com incrivel violencia. Mas quando ella escondeu o rosto no coração d'aquelle homem, cada traço do rosto do velho poz-se a rir com riso de tal impudencia e cynismo que Ordinov estremeceu em todo seu ser. O espirito de traição e de embuste, a tyrannia systematica e ciumenta, eis o que revelava claramente a impudencia d'aquelle riso.

— Doida! murmurou.

E apressou-se em sahir d'aquella casa.

V

Quando Ordinov, ainda todo fóra de si pelos acontecimentos da vespera, abriu no dia seguinte pelas oito horas da manhã a porta da casa de Yaroslav Iliith, a casa de quem aliás vinha sem saber porque, recuou estupefacto e quedou-se como pregado ao chão, avistando Mourine. O velho parecia mal póder suster-se em pé. Apesar d'isso e das instancias d'Yaroslav Iliitch, não quizera sentar-se. Yaroslav Iliitch deu um grito de alegria ao ver Ordinov. Mas a alegria foi curta, perturbou-se muito e começou a andar da mesa para a cadeira mais proxima, não sabendo que fazer nem que dizer. Bem sentia que não era nada delicado n'aquelle momento continuar a puxar pelo cachimbo e não fazer caso da visita; e, entretanto,— tamanha era sua perturbação! — continuava a puxar pelo cachimbo e a puxar com todas as forças, como se n'elle devesse encontrar uma inspiração qualquer.

Ordinov por fim entrou no quarto. Deitou a Mourine um olhar logo desviado. Uma coisa que lembrava aquelle riso máo da vespera percorreu o rosto do velho. Ordinov estremeceu. Mas logo a phisionomia de Mourine perdeu toda a expressão hostil e volveu a ser impenetravel. Cumprimentou o inquilino até muito baixo.

Esta scena muda deu vagar a Ordinov para recobrar serenidade, e, procurando dar conta a si mesmo da situação, olhou fito para Yaroslav Iliitch. Mas Yaroslav Iliitch é que ainda não recuperára o sangue frio.

— Entre, entre, disse, meu precioso amigo Vassili Mikhaïlovitch. Esclareça com sua presença, marque com seu sêllo... todos estes objectos vulgares.

E apontando para um canto do quarto, fez-se vermelho como uma papoila, envergonhado por se ter atrapalhado assim, desesperado por ter despendido, sem nada ganhar com isso, uma de suas phrases mais nobres. Fez ruidosamente rodar uma cadeira até ao meio do quarto.

— Não o estorvo, Yaroslav Iliitch? Queria... por dois minutos...

— O tempo que quizer! Podia lá estorvar-me, Vassili Mikhaïlovitch!... Uma chicara de chá, sim?... Olá! rapaz!... Não recuse uma outra chicarasinha, continuou Yaroslav Mikhaïlovitch, dirigindo-se a Mourine, que acceitou.

Yaroslav Iliitch ordenou muito severamente ao criado que vinha entrando:

— Mais tres copos!

E sentou-se ao lado de Ordinov. Ficou-se uns instantes bamboleando a cabeça, como um cãosinho de loiça, ora para a direita, ora para a esquerda, de Mourine para Ordinov e de Ordinov para Mourine. Estava n'uma situação desagradavel. Desejava falar, mas quanto queria dizer lhe parecia extremamente difficil; não encontrava uma só palavra. Por seu lado, Ordinov parecia outra vez estupefacto. Um instante houve em que ambos começaram falando ao mesmo tempo. O silencioso Mourine, que os observava curiosamente, ia estoirando de riso, mostrando os dentes todos.

— Venho participar-lhe, começou Ordinov, que, por uma serie de circumstancias infelizes, vejo-me obrigado a deixar o meu quarto, e...

— Que extranha coincidencia! interrompeu Yaroslav Iliitch. Confesso-lhe que fiquei pasmado quando este veneravel velho me declarou esta manhã, sua decisão. Mas...

— *Elle* declarou-lhe a minha decisão? repetiu Ordinov olhando para Mourine com espanto.

Mourine começou a coçar a barba para esconder o riso com a manga.

— É verdade, continuou Yaroslav Iliitch. De resto — póde ser que eu me engane — mas devo dizer-lhe com toda a franqueza, que, em tudo quanto me disse este veneravel velho, não havia sombra de uma offensa em seu desabono.

N'este ponto Yaroslav Iliitch córou e venceu a custo sua commoção. Mourine, que sem duvida já rira bastante das confusões do dono da casa e de seu hospede, deu um passo para a frente.

— Saiba Vossa Nobreza, que é verdade, começou, cumprimentando polidamente Ordinov, falámos a seu respeito. Decerto, barine, bem sabe que tanto a patroa como eu gostariamos muito de deixarmos as coisas continuarem assim. Não dariamos palavra... Mas a minha vida, barine, bem sabe o que é; que alguma coisa viu. E, comtudo, o que sobretudo pedimos á santa vontade é que nos conserve a vida. Ora diga lá, barine. Quer que lh'o peçam chorando? Que havemos de fazer?

E aqui Mourine acariciou outra vez as barbas. Ordinov sentia-se pouco á vontade.

— Sim, sim, foi o que já lhe disse. É um doente. *C'est le malheur*... Quero dizer... queria exprimir-me em francez, mas desculpe, não sou muito pratico... Quero dizer...

— Sim...

— Quero dizer sim...

Ordinov e Yaroslav Iliitch comprimentavam-se, um pouco de esguelha, sem se levantarem; depois ambos, para disfarçarem o desastre, puzeram-se a rir. Foi o grave Yaroslav quem primeiro recobrou a presença de espirito.

— De resto já me informei de certos pormenores com este honrado homem, e disse-me elle que a doença de sua mulher...

Provavelmente para dissimular a atrapalhação, Yaroslav Iliitch olhou para Mourine com ar interrogativo.

— Sim, da patroa.

O delicado Yaroslav Iliitch não insistiu.

— Da patroa, quero dizer de sua antiga patroa... Está doente, está. Diz elle que ella o incommoda nos seus trabalhos, e elle tambem... Occultoume uma circumstancia importante, Vassili Mikhaïlovitch.

— Qual?

— A proposito da espingarda.

Yaroslav Iliitch pronunciou estas ultimas palavras muito baixo, com tão estrema doçura, que nem a millionesima parte d'uma censura soou em sua affectuosa voz de tenor.

— Mas, accrescentou, sei tudo, porque elle tudo me contou. Andou nobremente, Vassili Mikhaïlovitch. E' bello perdoar! Palavra d'honra, vi-lhe nos olhos lagrimas a scintillarem!

Córou mais uma vez, seus olhos brilharam e mexeu-se um pouco na cadeira.

— Ah! senhor! Ah! quanto eu... quero dizer nós, eu e a patroa, quanto vamos rogar a Deus por Vossa Nobreza!

Yaroslav Iliitch luctava contra uma desacostumada commoção, sem desfitar os olhos de Mourine.

— Barine, bem o sabe, ella é uma creancinha doente e ingenua. Eu mesmo já mal me posso ter em pé...

— Mas estou disposto a tudo, interrompeu Ordinov com impaciencia. Punhamos ponto, peço-lhe. Acabemos com isto hoje mesmo, já, se lhe apraz.

— Não... quero dizer... Barine, nós gostamos até muito de o ter comnosco. (Mourine fez um grande cumprimento.) Mas não é d'isso que eu lhe quero falar, barine, quero dizer-lhe uma coisa. *Ella* ainda é minha parenta... já muito afastada! em decimo-quinto grau, como se costuma dizer... Quero dizer... não faça caso da nossa maneira de falar, barine, somos gente obscura... Ora, desde pequenina ella é assim como viu. Uma cabecinha doente! Aquillo viveu sempre lá nos bosques, cresceu ao lado dos *bourlakis*, uma filha de moujik. Ardeu-lhes um dia a casa. A mãe, barine, morreu no incendio e o pae tambem. Digo-lhe isto, porque talvez ella lhe contasse... nem eu sei o quê. Eu deixo-a sempre falar á vontade. Já foi examinada pelo conselho chi-rur-gi-co de Moscou. N'uma palavra, barine, aquella cabeça não regula. Eu dou-lhe hospitalidade. Vivemos, resamos a Nosso Senhor e confiamos na suprema bondade. O que trato é de não a contradizer em coisa alguma.

A cara de Ordinov ia-se alterando. Yaroslav Iliitch olhava, ora para um, ora para outro com inquietação.

— Mas ainda não é isto o que lhe queria dizer, barine, continuou Mourine meneando a cabeça. Aquella rapariga é uma ventaneira, um temporal continuo. Que cabeça prompta sempre para o amor ardente! Sempre precisa gostar de alguem ou se assim ouso exprimir-me, d'um namorado. Foi o que a fez doida. Soceguei-a algum tanto contando-lhe historias, quero dizer... Ah! lá isso, soceguei-a! Pois bem, barine, vi perfeitamente, não faça caso da rudeza do meu modo de falar, continuou Mourine cumprimentando até baixo e limpando as barbas com a manga — vi perfeitamente que ella andava apaixonada pelo senhor. E o senhor, quero dizer Vossa Alteza, tambem era por amor que desejava ficar junto d'ella...

Yaroslav Iliitch olhou para Mourine: era evidente que desapprovava o incoherente discurso.

Ordinov mal se continha.

— Não, barine, não era isto o que eu queria dizer. Mas, barine, um simples moujik!... Porque nós somos gente muito obscura, barine; nós somos servos seus. (Mourine cumprimentou). E como vamos pelo barine rogar a Deus, eu e minha mulher!... Que precisamos nós? Pão e saude. Mas n'este caso que hei de eu fazer, barine? Hei de enforcar-me? Ora diga lá, barine, o caso é muito simples. Diga o que havia de ser de nós, se ella tomasse um amanté? A palavra é dura, barine, não faça caso; bem vê que é um moujik que fala com um barine. Vossa Alteza é novo, vivo, ardente; ella tambem é nova, senhor, é uma criança ingenua: que mais é preciso para um peccado? Lembre-se de que é uma linda criança, forte, córada e eu... sou um velho epileptico... Mas saberei socegal-a com as minhas historias, quando Vossa Graça se tiver ido embora, sim, saberei socegal-a. E como minha mulher e eu vamos rogar a Deus por Vossa Graça!... Não, não lhe sei dizer quanto! E ainda que muito a amasse, senhor, nem por isso ella deixaria de ser uma mulher de moujik, uma criança ainda mal desemburrada! E não é o que lhe convem, paesinho barine, uma mulher de moujik... Ai, quanto vamos rezar a Nosso Senhor!... quanto vamos rezar a Nosso Senhor!

(Continua).

SOBRE OS ALCOOES

ALCOOES NATURAES E INDUSTRIAES

PREJUIZOS QUE PODEM OCCASIONAR Á SAUDE PUBLICA

QUAES OS MAIS NOCIVOS?

Ultimamente, tem sido muito discutido, em França, este problema. Affirmava-se que os alcooes industriaes eram mais toxicos que os alcooes naturaes.

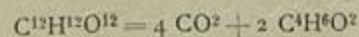
Esta asserção corresponderá á verdade? Consideremos o alcool ethylico $C^2H^5.HO$, que é aquelle que commummente se usa nas bebidas.

Quaes as proveniencias d'este alcool?

O alcool provém:

1.º Dos fructos que normalmente o contenham.

2.º Do assucar, pela transformação da sua glycose em alcool, em presença de qualquer materia azotada, a qual dá origem a uma fermentação artificial.

$$C^{12}H^{12}O^{12} = 4\,CO^2 + 2\,C^4H^6O^2$$

É este, o alcool natural.

Saccharificando as materias amylaceas pela acção da cevada germinada, obteem-se os alcooes industriaes.

Quaes serão os prejuizos que uns e outros causam á nossa saude?

Os srs. Jeffray e Serveaux effectuaram no Asylo de Sant'Anna, em Paris, varias experiencias para demonstrar este facto. De ha muito, é uso, para se conhecer o poder toxico de qualquer liquido, injectar nas veias de um animal, uma porção d'esse liquido.

Este processo, com referencia ao alcool não dava os resultados desejados, visto que esse corpo tem a propriedade de coagular o sangue, e muitas vezes morria o animal pelo facto do coagulo e não pelo alcool.

Recorreu-se então a uma ligeira modificação do processo.

Sabe-se que as sanguesugas conservam bastante tempo, o sangue sem coagulo em virtude de um succo especial segregado por umas glandulas existentes no canal digestivo.

Este facto suggeriu ao srs. Jeffray e Serveaux, uma alteração no processo citado.

Maceraram grande porção de cabeças de sanguesugas, em agua salgada, juntando a este liquido, o alcool a injectar. D'este modo. não se formaria o coagulo no sangue do animal que recebia a injecção e a morte só se attribuiria ao alcool. A quantidade necessaria de alcool para o matar, daria o poder toxico do liquido. Como o volume de um animal é muito variavel, a quantidade de alcool necessaria seria diversa para cada um, e não se poderia chegar á noção do equivalente toxico. Para isso, refere-se a quantidade de alcool a um kilogramma de materia viva.

A quantidade minima de alcool capaz de matar um kilogramma de materia viva será o equivalente toxico d'esse alcool. Applicando aos diversos alcooes essa definição temos :

	Formula	Equivalente toxico
Alcool methylico....	$CH^3.HO$	25,25
» eltylico.	$C^2H^5.HO$	11,7
» propylico....	$C^3H^7.HO$	3,6
» isobutylico...	$C^4H^{11}.HO$	1,65
» amylico.....	$C^5H^{11}.HO$	0,65

d'onde concluimos que o poder toxico augmenta com o numero de atomos de carbone, visto que, quanto maior fôr o equivalente, menos venenoso é o alcool.

A quantidade de impurezas, sobretudo os productos terminaes da distillação de um alcool, augmenta muito o seu poder toxico. Nas aguardentes de mesa, é tão insignificante a quantidade d'esses productos, que pouco pode influir na probabilidade mais rapida da morte do animal. Assim, temos 1 l. de cognac. Calculemos o seu poder toxico.

Em um litro de cognac existe :

Alcool ethylico	500,^{cc}	que	matam	64,^{k}102
Ethers............	0,635	»	»	0,159
Aldehydes.........	0,039	»	»	0,039
Furfurol.........	0,006	»	»	0,043
Alcooes superiores.	0,094	»	»	0,002
				65,^{k}006

Logo 1 litro de cognac mata 65,^{k}006 de materia viva.

Com qualquer outra bebida, o resultado é quasi identico.

Comparando a analyse dos alcooes industriaes feita pelos mesmos senhores, com a dos alcooes naturaes, ver-se-ha que o resultado é quasi o mesmo.

Portanto, seja qual fôr o alcool, natural ou industrial, que introduzirmos no nosso organismo, o resultado é sempre prejudicial á saude.

17—5—900.

Antonio A. O. Machado.

Recebemos e agradecemos :

O Brazil e o Soberano Congresso *(ephemerides historicas) por A. X. da Silva Pereira — Parceria Antonio Maria Pereira — Livraria editora — Lisboa, 1900.*

O presente livro, embora não vá além de 90 paginas, representa comtudo uma valiosa contribuição para a celebração do 4.º centenario do descobrimento do Brazil, e tem, sobretudo, o merito de se affastar, como o seu auctor declara na introducção, do assumpto principal do grande numero de publicações de toda a especie, que n'esta opportunidade vieram a lume, propositadamente escriptas para a glorificação d'esse memoravel acontecimento politico, do qual, como judiciosamente diz o sr. Silva Pereira, tão mal nos soubemos aproveitar.

Em tres epochas distinctas divide o auctor o seu livro, e estas abrangem : De 13 de agosto de 1820 a 26 d'abril de 1821 (Revolução Liberal de 1820); de 27 d'abril de 1821 a 9 de janeiro de 1822 (Regencia do principe D. Pedro); e, de 10 de janeiro de 1822 a 15 de novembro de 1825, data em que, no palacio de Mafra, el-rei D. João VI ratificou o tratado de 29 d'agosto do mesmo anno de reconhecimento do imperio do Brazil, e de paz, alliança e perfeita amizade entre os dois povos, bem como o total esquecimento de desavenças passadas.

Acompanha ainda o valioso trabalho do esclarecido escriptor uma nota sobre a população do Brazil em diversas épocas, baseada em documentos especiaes.

Agradecemos ao nosso presado amigo e infatigavel investigador a offerta do seu apreciavel volume, cuja leitura nos deixou as melhores impressões, e a certeza de que, embora n'esse grande certamen litterario e intellectual com que as duas nações irmãs se propõem celebrar o grandioso facto historico appareçam trabalhos de mais larga envergadura, nenhum, porventura, interessará tão de perto a nossa alma de portuguezes, que n'esse punhado de notas, tiradas dos documentos officiaes dos dois paizes, podemos rememorar toda a parte gloriosa ou triste que tomámos n'esses acontecimentos, desde a partida de Beresford para o Rio de Janeiro, a bordo da *Vengeur*, como representante do rei de Portugal, até á já citada data de 15 de novembro de de 1825, em que D. Jão VI concluiu com a apposição da sua real assignatura a obra que iniciara, na sua vergonhosa fuga para ali, com todos os seus, receando os excessos dos invassores francezes.

É um livro que merece ser lido, e que deve ter rapida extracção.

Mosteiro e egreja da Madre de Deus — *por Liberato Telles — Lisboa 1899.*

Em elegante opusculo de 32 paginas, com muitos desenhos no fim, se publicou esta separata do *Boletim da Associação dos Conductores de Obras Publicas*, de que é digno membro o illustrado auctor. N'essa conceituada revista viu, pois, a luz primitivamente tão interessante monographia.

O mosteiro da Madre de Deus é um verdadeiro escrinio de obras primorosas, de recordações formosissimas, e a sua historia encontra se dispersa em varias chronicas, d'onde o sr. Liberato Telles colheu criteriosamente os elementos do seu trabalho na parte antiga. Na actual, refere aquelle estudioso funccionario quanto fez e trabalhou por conservar e restaurar o que havia. Dos muitos cuidados que teve e da proficuidade d'elles dão prova clara as paginas da presente monographia, que se lê com muito prazer.

O novo seculo *por Affonso Hincker — considerações philosophicas. — Coimbra. — Imprensa da Universidade — 1900.*

Depois de lembrar a conveniencia que haveria em proceder a uma especie de balanço do seculo que vae findar, descrevendo as suas correntes intellectuaes e sociaes, apurando, como nos balanços annuaes do commercio, os lucros e perdas durante esse lapso de tempo, entende o auctor do folheto que a tarefa não seria facil, e que era mesmo necessario muito trabalho paciente e uma larga exposição para bem poder especialisar-se o quadro monumental das idéas e aspirações de que o mesmo seculo foi actor, dada a escassez de elementos para o historiador dos factos das cor rentes philosophicas peninsulares, e a influencia extrangeira nas idéas que teem surgido na Peninsula. Aponta depois os meios que lhe pareceriam mais adequados para conseguir proveitoso resultado, especialmente na parte respeitante a Portugal, passando em ligeira revista os factos da nossa vida social, sob diversos aspectos, durante o seculo XIX, e remata as suas considerações dizendo que, sem pretender ser propheta, o seculo XX não nos trará a paz universal, mas que «só de nós depende e do nosso esforço o nortearmo-nos na maré nova e desconhecida do novo seculo,» que, dadas certas circumstancias, será forçosamente não só mais pecifico do que o anterior, «levando os adversarios a entender-se e apreciar-se, mas tambem alcançará a gloria de impôr mais fundo na consciencia publica o respeito da justiça.»

Que as previsões do auctor se realisem, para bem de todos, é o que sinceramente desejamos, e d'aqui lhe enviamos calorosas felicitações pelo seu bello trabalho, e agradecemos a gentileza da offerta do exemplar com que nos honrou.

O Livro dos Espiritos — *Allan Kardee — Philosophia espiritualista — Edição da Casa Portugueza — Lisboa — 1899.*

É um volume de, approximadamente, 500 paginas, traduzido do original francez por conta da Federação Espirita Brazileira. Allan Kardee é, por assim dizer, o grande sacerdote d'esta ordem de estudos, que entre nós não teem tido, agora, um grande desenvolvimento. Em outros paizes, como por exemplo na Allemanha, a doutrina espirita conta numerosos adeptos, existindo sociedades perfeitamente organisadas para os estudos psychologicos d'esta especialidade, e que publicam mesmo interessantes revistas sobre o assumpto. O *Livro dos Espiritos* contem os principios fundamentaes da doutrina espirita; é, portanto um elemento indispensavel para os que pretendam iniciar-se no espiritismo, e mesmo para os incredulos não deixa de ser curiosa leitura.

A' acreditada casa editora os nossos agradecimentos pela amavel offerta d'um exemplar.

Almeida Garrett — *Memoria historica do conde de Avilez — Bibliotheca da «Aurora do Cavado.» Dr. Rodrigo Velloso, editor — Lisboa, 1900.*

No prefacio que acompanha o pequeno opusculo devido á penna do immortal auctor das *Viagens da minha terra*, de *Frei Luiz de Sousa* e de tantas outras joias da litteratura portugueza, explica o sr. Dr. Rodrigo Velozo as razões que o levaram a trasladar para a «Aurora do Cavado,» jornal que ha tantos annos dirige com tão grande amor e tão provada competencia, aquella memoria. Querendo contribuir com o seu tributo para a celebração do centenario do nascimento de Garrett, achou que o meio de mais condignamente o fazer seria enriquecer com a transcripção de qualquer obra devida ao glorioso escriptor as columnas do seu magnifico jornal, facilitando assim aos admiradores do grande vulto litterario «edição de escripto seu ainda não colleccionado em volume.» [1]

O sr. Dr. Rodrigo Velloso accrescenta ainda que a *Memoria historica do conde de Avilez*, havia já sido reproduzida em folhetins do *Campeão das Provincias*, em 1893.

Agradecemos ao distincto escriptor a offerta da apreciavel publicação.

O ministerio das obras publicas, commercio e industria em 1893 — A agricultura — Coimbra — F. França Amado, editor — 1900.

O presente volume, que tem por titulo *A agricultura*, é o terceiro de uma serie que o sr. conselheiro Bernardino Machado se propoz publicar, tratando dos variados assumptos a cargo do ministerio das obras publicas, e mostrando o desenvolvimento que tiveram, cada um especialmente, quando o auctor foi chamado a gerir a pasta respectiva, e durante o tempo que em todos esses multiplices assumptos superintendeu; as providencias que decretou no sentido de simplificar, organisar ou desenvolver os diversos serviços. E um bello volume de perto de 400 paginas, que, apesar de ser composto, na sua quasi totalidade, de transcripções de documentos officiaes, se lê com prazer, e ha de agradar, especialmente, aos que, por qualquer forma, teem interesses ligados a assumptos agricolas.

Agradecemos ao esclarecido escriptor o exemplar com que houve por bem distinguir-nos.

Estatutos da sociedade «Assistencia nacional aos tuberculosos.»

Recebemos, e agradecemos, os estatutos d'esta benemerita sociedade, de cujos esforços e caridosa iniciativa muito ha a esperar na lucta contra a desapiedada doença, que tantas victimas causa annualmente, e fazemos votos para que todos, cada um na proporção das suas forças, auxiliem tão santa e proveitosa cruzada, afim de que os resultados correspondam não só á anciosa espectativa dos que soffrem e carecem de ser soccorridos, como tambem á necessidade de oppôr meios energicos e decisivos á marcha do terrivel flagello.

Consumo em Lisboa — *Estatistica dos generos sujeitos á pauta dos direitos de consumo, referente aos annos de 1890 a 1898, publicada pela 1.ª repartição da direcção geral de estatistica e dos proprios nacionaes — Imprensa Nacional 1899.*

Nas 38 paginas de que se compõe o folheto encontram-se curiosos dados estatisticos, em bem elaborados mappas, respeitantes aos direitos de consumo cobrados pelos diversos postos alfandegarios da cidade no alludido praso. Actualmente, que as questões de alimentação publica estão merecendo um certo interesse, por se comprehender que as classes pobres, por não poderem alimentar-se convenientemente, offerecem a determinadas doenças mais largo campo de expansão, não deixa de ser interessante a leitura e comparação d'estes algarismos fornecidos pelas estações offi-

[1] Depois, para que mais facilmente fosse accessivel aos colleccionadores garrettianos a leitura e acquisição da citada memoria, a publicou em opusculo.

CONCERTO DE RELOGIO

ciaes, e que podem levar a importantes conclusões sobre a alimentação publica.

Documentos para a historia dos jesuitas em Portugal—*pelo dr. Antonio José Teixeira—Coimbra—Imprensa da Universidade—1899.*

É por demais conhecida e incontestavel a influencia que a Companhia de Jesus sempre teve em assumptos de instrucção no nosso paiz, e quem quizer fazer a historia litteraria do nosso primeiro estabelecimento scientifico, a universidade de Coimbra, ha de rebuscar nos archivos os interessantissimos documentos que attestam, desde a sua mais remota origem, a passagem, por vezes gloriosamente marcada, scientificamente fallando, de tantos vultos grandiosos que envergaram a negra veste de Loyola.

A' poderosa Companhia, em cujas mãos esteve, por largos annos, o monopolio da instrucção, dispensaram alguns dos nossos monarchas valiosos privilegios e invejaveis rendimentos, e mesmo de Roma, até onde chegavam os fios da enorme teia com que os jesuitas traziam envolvido o mundo, vieram muitas bullas accrescentar ainda á munificencia regia os favores do pontificado.

Tornado assim formidavel o seu poder, tendo nas mãos a enorme força que resultava de dirigir a seu talante a educação de umas poucas de gerações, a Companhia de Jesus, cresceu, prosperou, desenvolveu-se sempre até que a mão robusta do celebre e omnipotente ministro de D. José I, apontando-lhe o caminho da barra do Tejo, a obrigou a abandonar o paiz, onde por tanto tempo havia imperado.

Pôr, portanto, a claro o papel importantissimo que os jesuitas exerceram na historia da instrucção do povo portuguez, fornecendo aos estudiosos e aos que se interessam pelas coisas patrias elementos seguros para bem se ajuizar se foi proveitosa ou nefasta a influencia que exerceram, é valiosissimo trabalho, que só podia emprehender quem, como o auctor do livro em questão, possuisse a par de vastos conhecimentos e provada competencia, um grande amor pelo estudo e pelas coisas da sua terra.

Da pesada e fatigante tarefa desempenhou-se o sr. Dr. Antonio José Teixeira e por forma que muito o honra e enaltece, conseguindo colligir no seu volume uma somma valiosissima de documentos, alguns dos quaes quasi, ou totalmente, desconhecidos até ao presente. Muito ha na leitura d'esta importante obra e suas eruditas notas que estudar e aprender. Não cabe, infelizmente, no acanhado espaço de que podemos dispor mais desenvolvida noticia. Que nol-o releve o seu erudito auctor, a quem calorosamente agradecemos a gentileza da offerta.

Versos—*Volume I—I Endeixas, II—Madrigaes III—Rimas Soltas—Brindde do «Diario de Noticias» em 1899—Typographia Universal (Imprensa da Casa Real.) Lisboa—1900.*

Com o modesto titulo de *Versos* se publicou este primeiro volume da collecção de poesias do dr. Alfredo da Cunha. Mas o titulo não é, como parece, isento de graves responsabilidades, que, em verdade, o presente livro supporta brilhantemente.

Versos, para que mereçam com justiça essa denominação, teem de ser de metro cuidado, accentuação agradavel, descrevendo sentimentos bons e assumptos sympathicos, sob uma forma poetica despretenciosa, simples, ingenua até. São assim os versos que se decoram; n'elles existe a musica que nos encanta e o ouvido regista com prazer, e o conceito que nos lisongeia a um tempo o espirito e o coração.

Ha grandes poemas, que, apezar das suas estancias sonorosas e campanudas, valem menos que uma quadrinha singela.

Imagine-se, pois, o sincero alvoroço, o agrado indizivel que nos causou a leitura das *Endeixas*, dos *Madrigaes* e das *Rimas Soltas*, que tudo são composições suaves, rescendendo umas o casto perfume proprio d'essas flores d'alma, denunciando um lyrismo apaixonado, a par de outras ainda que revelam o intenso amor patrio que as inspirou; e, por ultimo, alguns epigrammas delicados, levemente maliciosos.

Brazil-Portugal—*Revista quinzenal illustrada. Numero extraordinario—IV centenario do descobrimento do Brazil.*

No seu formato ordinario publicou esta importante revista um grande numero commemorativo de 112 paginas, profusamente illustrado e selectamente collaborado, sob a distincta direcção dos srs. Cons. Augusto de Castilho, Jayme Victor e Lorjó Tavares. É enorme o numero das illustrações, entre as quaes se admiram *fac-similes* de assignaturas dos nossos antigos reis e heroes, varias estatuas, e monumentos allusivos ao descobrimento, dezenhos originaes, mappas e documentos, retratos, navios, etc., etc.

Destinado a larga venda, marcaram a este numero os illustres directores de tão sumptuosa publicação o modico preço de 1$500 réis para Portugal e de 10$000 réis para o Brazil, o que permittirá tanto n'um paiz como no outro a acquisição do mais interessante album illustrado sobre a historia portugueza e brazileira.

A impressão e photogravuras fazem honra á typographia da Companhia Nacional editora onde foi impressa e aos photogravadores srs. Pires Marinho & C.ª